

**“A INTEGRAÇÃO DO NEGRO NA SOCIEDADE ATRAVÉS DA FÉ”:
IRMANDADES NEGRAS NA PARAÍBA DO NORTE SÉCULO XIX.**

Cassiano José de Sales França
Graduando em História (UEPB)
reginacoelilima@hotmail.com

Joseano da Costa Barbosa
Graduando em História (UEPB)
stevenreves125@hotmail.com

RESUMO:

O presente trabalho tem como meta mostrar como às Irmandades Negras contribuíram para a inserção dos negros na sociedade paraibana no século XIX. Em meio a uma sociedade escravista, os negros acabaram “conquistando o seu próprio espaço através de sua fé”, visto que, ao participarem das chamadas “confrarias” acabavam usufruindo de direitos que antes só “pertenciam” aos homens brancos. A participação nas missas, nos enterros dos seus entes-queridos, nas solenidades festivas são exemplos destas conquistas e integração do negro nesta sociedade. Todavia, podemos afirmar que as irmandades negras da Paraíba do norte do século XIX, serviram como ponte de “interação” entre o negro e o branco, e que através delas todos “compartilhavam” as suas culturas sem deixar perder as suas essências. Portanto, para melhor desenvolvermos este trabalho através de um estudo bibliográfico, usaremos como suporte teórico os seguintes autores: Naira Ferraz Bandeira Alves, Claudia Cristina do Lago Borges, João José Reis e José Pereira de Sousa Junior. Com seu auxílio, procuraremos mostrar a importância das irmandades negras nesta integração do negro à sociedade paraibana do século XIX.

Palavras - Chaves: Integração. Fé. Cultura.

As Irmandades negras da Paraíba do Norte em meados do século XIX serviram de ponte entre os negros e a sociedade “dos brancos”. Foi dentro das Irmandades que os mesmos acabaram conquistando o seu espaço através dos cultos religiosos em devoção um santo padroeiro. Visto que, dentro destes cultos os negros passaram a observar os costumes dos brancos e os absorverem para melhor identificar-se com a sociedade vigente, isso sem que fosse preciso perder seus próprios costumes culturais. Os negros passaram a se expressar, interagir, aprender, conquistar e “libertam-se” dentro destes cultos, mesmo que tudo isso só fosse possível no momento da celebração. Mas, vale salientar que, pra quem não possuía nenhum tipo de direito na sociedade já era muita coisa. Os irmãos de cor como passaram a ser conhecidos pela sociedade acabaram conquistando seu grande objetivo maior, que era o de “participar ativamente da sociedade”.

Tanto as irmandades como as confrarias surgiram durante a Idade Média, com o objetivo de doutrinar as pessoas “simples” nos costumes cristãos. A princípio, elas eram compostas pelos artesãos e os servos (tanto, os brancos quanto os negros), isto, no período Medieval, onde desde então, já cultuavam um santo, o qual servia como padroeiro.

As irmandades, portanto, foram fundadas pelos Portugueses também, com a intenção de integrar o negro à sociedade dita “civilizada”.

“As irmandades se constituíam como um elemento de coesão social de tipo corporativo, regular de comportamentos e de relações sociais entre grupos separados pela cor, pelo poder econômico e pela vida cultural. Eram instituições oficiais fundadas pelos portugueses como forma de integrar à sociedade civilizações exploradas por eles, vinculando-as à prática da religião católica”. (ALVES, 2009: p37)

Todavia, estas irmandades acabaram se propagando por “todas” as colônias Ibéricas e pela França. E o Brasil por ser a principal colônia Portuguesa não poderia ficar de fora, onde, no século XVIII surgiram as primeiras irmandades, as quais ainda estavam vinculadas aos costumes e as tradições do medievo. Visto que, com o passar do tempo esses costumes e tradições foram aos poucos ganhando novas formas devido a seus novos membros, os quais deixaram de ser apenas os artesões e trabalhadores e passou a ser os negros escravos vindos da África para o Brasil, esses, por sua vez, já traziam consigo seus próprios costumes e tradições, e foram assim, interagindo dentro dos costumes já existentes nas irmandades.

Sousa Junior diz que “na Paraíba do Norte no século XIX, as irmandades surgiram como elemento de integração para o negro na sociedade, pois foi a partir delas que os mesmos conquistaram, em meio a tantas lutas o seu espaço. Onde, diante de uma geração escravista os brancos não conseguiam enxergar os negros além de meros objetos do trabalho. Podemos por assim dizer, que as irmandades de fato, contribuíram bastante na „sociabilidade. dos negros no mundo dos brancos”. (2006, p. 03)

Segundo Naiara, “essas irmandades acabavam ampliando a discussão sobre a reconstrução de espaços conquistados pelos negros em meio a uma sociedade extremamente escravista, ela também deixa transparecer que eles a usavam como lugar de encontros para desenvolver a sua cultura sem que fossem interrompidos pelos brancos”. (2009: p45)

Diante disso, fica claro que eram dentro das irmandades que os negros podiam discutir diversos assuntos, os quais eram extremamente proibidos fora dela, isso por na maioria das vezes se tratar de escravos, ou, até mesmo de negros recém alforriados, era dentro delas também que eles podiam fazer planos para o futuro, e discutir entre si como interagir entre os brancos.

Vale salientar, que as irmandades negras possuíam sua própria administração, onde alguns integrantes eram eleitos em assembleia para assumir o determinado cargo O qual lhes era confiado. Estes eleitos por sua vez, acabavam por fazer se cumprir as determinadas leis as quais eram feitas pelos próprios administradores em sua gestão, estas por sua vez, deveria ser conhecida e seguida por todos os membros daquela irmandade.

“As irmandades negras no Brasil tinham administração própria, formada por seus membros, como corpo jurídico e cargos determinados para atender as necessidades de sua agremiação. A estrutura administrativa de cada agremiação estava figurada nos seus compromissos. Os compromissos eram as leis estabelecidas pelo estatuto da organização, de caráter inviolável, que deveriam ser conhecidos e seguidos por todos os componentes da irmandade”. (Borges, 2000: p3)

Quanto à sua administração, Naiara diz que cada uma possuía seus próprios regimentos e compromissos individuais, ou seja, cada irmandade seguia seu próprio projeto administrativo o qual as diferenciavam umas dos outros, (2009: p39) para melhor explicar essa questão administrativa de cada irmandade ela em sua dissertação acaba fazendo uso de uma citação de (RUSSEAL-WOOD, 2005: p192) onde ele por sua vez diz que “Apesar das pequenas diferenças administrativas, todas as irmandades possuíam características em comum: primeiro, a ênfase na prática das virtudes cristãs em palavras e atos; segundo, um espírito de responsabilidade coletiva pelo bem-estar físico daqueles irmãos [e seus dependentes que precisassem de esmolas, assistência

médica, alimentos, roupas e sepultamento; terceiro, quando os fundos permitiam, um compromisso com a ajuda caritativa aos pobres e doentes da paróquia. Essas irmandades não se limitavam à Península Ibérica. Com expansão da Europa, Espanhóis e Portugueses levaram a instituição das irmandades à África, à Ásia e as Américas”.

Essa responsabilidade coletiva demonstra preocupação que as irmandades tinham com os seus membros, todas essas praticas eram sempre voltadas para o bem estar de seus membros e dependentes. Muitas vezes o dinheiro que era arrecadado nas missas e quermesses servia não apenas para ajuda mútua de seus membros, mas também para a compra de cartas de alforria de alguns “irmãos de cor”.

Quanto às irmandades, todas eram vinculadas a igreja católica, e para poder obter seu funcionamento como instituição era preciso que o estado liberasse seu funcionamento, ou seja, o “alvará de licença”, onde a partir desta autorização as irmandades estariam aptas a assumir uma igreja ou capela, e passariam então a estarem inseridas e a fazer parte da sociedade.

“Essas instituições tinham regras a cumprir e precisavam da autorização do governo para funcionar e assumir o controle de uma igreja, capela ou altar. A partir do momento em obtivessem essa autorização, estariam inseridas na vida e no cotidiano da cidade onde estivessem localizadas”. (ALVES: 2009, P 40)

Vale deixar claro que neste momento histórico não existia apenas as irmandades de negros, existiam também neste instante as irmandades dos brancos, as quais proibiam literalmente a participação dos negros nelas. Já os negros aceitavam de bom grado a participação dos brancos em suas irmandades, só que existia aí um grande detalhe, os brancos não poderiam fazer parte dos cargos administrativos para não influenciarem nos costumes das irmandades. Neste caso também eram brancos quem preparavam os regimentos de suas irmandades, onde muitas vezes isso acontecia com o apoio da igreja, é tanto que acabavam sendo melhores aceitos do que as dos negros.

No início do nosso trabalho nós citamos que cada irmandade tinha um santo como padroeiro, onde todos cultuavam e veneravam aquele determinado santo, pois bem, na Paraíba do Norte no século XIX as irmandades dos brancos sempre tinham o privilegio de adotar como seu padroeiro aquele que era patrono da igreja local, a qual elas faziam parte, portanto, existiam diversidades de nomes a serem escolhidos por eles, enquanto as dos negros tinham que procurar aquele (a) santo (a) que eles a identificassem melhor com sua realidade, visto que, não poderia de forma alguma ser o mesmo que os brancos haviam escolhido. Diante disto, Naiara Alves diz que “os negros sempre procuravam colocar como seu padroeiro Nossa Senhora do Rosário, Santa Efigênia e/ ou São Benedito. Lembro desde já que na Paraíba do Norte a mais cortejada pelos negros foi Nossa Senhora do Rosário”. (ALVES, 2009: p40)

A partir das irmandades, os negros passaram a participar das festas de seus padroeiros, onde dentro destas festividades eles eram visto como “homens livres”, usufruindo dos mesmos espaços que os brancos, mesmo que, quando terminasse a festa voltassem a serem escravos e a exercer as suas atividades cotidianas. Nesse espaço tempo seus donos eram obrigados a liberá-los para que participassem dos encontros das irmandades, e mais, ainda pagavam uma taxa altíssima à igreja para que esses fossem catequizados nos costumes cristãos, onde a partir desta catequização eles passaram a ser vistos de maneira diferente pela sociedade, ou seja, conquistaram o respeito e mostraram que podiam participar ativamente dessa sociedade.

“... as festas realizadas por esta irmandade religiosa permitem ao negro expressar-se culturalmente dentro da sociedade vigente. Ele deixa de ser um agente passivo e passa a ser um agente ativo. No momento da festa ele não é mais um simples escravo ou um negro livre marginalizado, ele é o irmão de uma irmandade que passa a ser respeitada pela população branca, que inclusive é capaz de acatar as decisões de homens negros livres em relação a organização das festas.” (JUNIOR, 2006, p. 04).

Foi, portanto, dentro destas instituições que os negros tiveram a oportunidade de conviver diretamente com os brancos, aprendendo e ensinando uns aos outros as suas culturas sem perder a sua naturalidade, onde com isso Naiara Alves diz que “é a partir dessa troca mutua de culturas que surge o que ela vem chamar de circularidade cultural”. (2009, p. 47).

É também dentro das irmandades que os negros conquistam o direito de fazer o enterro dos entes- queridos, ou seja, não era só enterrar, mas fazer todo o ritual apropriado que todo cristão merecia, segundo José Reis “os negros lutaram bastante para preservar os aspectos fundamentais de sua cultura com relação aos rituais de sepultamento, cultura trazida pelos negros da África, que por sua vez se encaixava muito bem com o ritual católica, que era o costume de enterrar os seus mortos”. (REIS, 1988, p. 149). Não há dúvidas de que, de todas as formas de resistências que houve com relação aos negros, as irmandades religiosas de fato contribuíram para a sua inserção na sociedade. Visto que o espaço que conseguiram dentro da sociedade através das irmandades religiosas foi o ponto crucial para a sua “liberdade”, onde com isso, eles passaram a exercer determinadas funções que apenas eram restritas aos brancos.

REFERÊNCIAS

ALVES, Naiara Ferraz Bandeira. Irmandades Negras na Parahyba Imperial: impressões e reflexões. IN: SANTOS NETO, Martinho Guedes dos; COSTA, Robson Xavier da (orgs.) Pesquisa em História: Temas e abordagens. João Pessoa: Ed. Universitária – UFPB/PPGH-UFBB, 2009, pp 37-57.

JUNIOR, José Pereira de Souza. Tradição, Devoção e Fé: os rituais festivos nas irmandades religiosas na Parahyba do Norte – sec. XIX /IN: José Pereira de Souza Junior. Ed. Universitária – UFPB, 2006.

REIS, João José. Identidade e Diversidade Étnicas nas Irmandades Negras no Tempo da Escravidão. Revista Tempo. Rio de Janeiro: UFF/Dep. de História: Relume-Dumará, vol. 02, n. 3, pp. 7-33, 1997.

BORGES, Cláudia Cristina do Lago. A Cor da Oração: uma irmandade negra no sertão do seridó no sec. XVII. IN: Revista de Humanidades, UFRN. Caicó (RN). V. 9, n. 24, Set./out 2008.